

O Rádio Migrado no Amazonas: Um Estudo Sobre a Rádio Rio Mar no Cenário de Migração de Amplitude Modulada (AM) para Frequência Modulada (FM)¹

Edilene MAFRA Mendes de Oliveira²

Gilson Vieira MONTEIRO³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões sobre a Rádio Rio Mar no contexto da migração das rádios Amplitude Modulada (AM) para Frequência Modulada (FM), no Estado do Amazonas. A pesquisa é realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, e visa apontar os fenômenos contemporâneos que levam o rádio a se reinventar em meio às novas tecnologias. A estrutura versa em contextos históricos que perpassam importantes fases do rádio amazonense, buscando destacar como a emissora de rádio se comportou diante dos adventos tecnológicos, com ênfase em sua migração para FM, em 2017. A exemplo de outras emissoras do país, a Rádio Rio Mar buscou se manter atual no cenário da convergência para internet, passou a integrar uma rede radiofônica e se reposicionou ao migrar para FM, adotando uma programação atual e novas estratégias mercadológicas para se manter competitiva no cenário da radiodifusão sonora.

Palavras-chave: Rádio no Amazonas; Migração AM-FM; Radiodifusão Sonora; Rádio Rio Mar; Rádio Migrado.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do rádio é marcado pela superação de desafios que vão além da tecnologia. As primeiras transmissões no Brasil surgiram pelo experimentalismo de radioapaixonados. Depois, com o incentivo da publicidade, o rádio chegou ao seu apogeu, que ficou marcado como a Era de Ouro. Com o surgimento da televisão, precisou se reinventar e se tornar móvel para manter a audiência. A internet o obrigou a adentrar o ciberespaço, onde ganhou textos e imagens. Atualmente, na fase preliminar da definição do Sistema Brasileiro de Rádio Digital, o rádio encontra novos desafios a serem superados dentro do contexto da convergência tecnológica.

Com o decreto 8.139/2013, as emissoras AM (ondas médias) foram desafiadas a migrar para FM, a fim de se adaptarem às novas tecnologias. No Amazonas, três emissoras AM, sediadas na capital, solicitaram outorga de migração para FM: Rádio Rio Mar, Rádio

¹ Trabalho apresentado no GP de Rádio e Mídia Sonora do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM, email:

edilene.mafra@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM, email: gilsonmonteiro@ufam.edu.br

Difusora e Rádio Cultura. A migração envolve processos burocráticos e adequações técnicas, sendo que o primeiro passo é a solicitação de uma outorga FM junto ao governo federal e a devolução da outorga AM (ondas médias). A adequação técnica se dá por meio do investimento em infraestrutura. A outorga tem custos, cujos valores variam de acordo com indicadores econômicos e índices demográficos das cidades brasileiras.

Esse breve relato visa apresentar parte dos estudos desenvolvidos para a tese de doutorado ‘Vozes da floresta: as redes radiofônicas amazonenses como dispositivos tecnológicos, sociais e culturais na fase de migração do rádio AM para FM’, realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Para a tese, escolheu-se o método de pesquisa Estudo de Casos Múltiplos (YIN, 2015), sendo o corpus de análise composto pelos casos: Rádio Rio Mar, Rádio Difusora e Rádio Cultura.

Este artigo se restringe aos resultados preliminares referentes à primeira emissora migrada do Amazonas que foi a Rádio Rio Mar. Entre as teorias utilizadas para dar luz às análises estão a Teoria da Complexidade (Morin), Teoria da Autopoiese (Maturana e Varela) e Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy).

Vale salientar que os procedimentos empregados para o levantamento de informações se deram dentro de um conjunto de ações sistematizadas em etapas propostas por Yin (2015): 1ª etapa - Definição e elaboração do projeto por meio de levantamento das teorias que darão luz à pesquisa e seleção dos casos para o protocolo de coleta de dados; 2ª etapa – Preparação, coleta e análise que resultaram em relatórios individuais; 3ª etapa – Análise e conclusão, promovendo o desenvolvimento de implicações teóricas e a elaboração do relatório de casos cruzados.

Entre os meios de investigação, estiveram a pesquisa documental – documentação das emissoras de rádio e documentação sobre a lei de migração de AM para FM; pesquisa de campo – entrevistas com historiadores gestores e demais profissionais do rádio; e pesquisa bibliográfica – levantamento do referencial que envolve a temática.

Em se tratando das hipóteses apresentadas na pesquisa está a criação de políticas públicas sustentáveis que propiciem a perenidade do rádio. Outra hipótese é de que, com a migração das rádios AM (ondas médias) para FM, surjam redes radiofônicas que promovam estratégias mercadológicas para o rádio amazonense.

Dentro desse contexto, o presente trabalho apresenta contextos históricos sobre o rádio no Amazonas, reflexões sobre os desafios do rádio no cenário da convergência,

explicações sobre o processo de migração das rádios AM para FM e um breve relato da trajetória da primeira emissora de rádio migrada no Amazonas, a Rádio Rio Mar.

1 Contextos do rádio amazonense

A primeira exposição pública do rádio ocorreu durante os festejos do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1922. Porém, ao contrário do que muitos difundiram nos últimos anos, o rádio brasileiro teve seus primórdios no Recife, em Pernambuco, com o experimentalismo da Rádio Sociedade Clube de Pernambuco, fundada em 6 de abril de 1919. “Sociedade civil legalmente organizada, com estatutos sociais aprovados e publicados, e que, evoluindo normalmente na década de 30 para sociedade anônima, nunca interrompeu suas atividades” (MARANHÃO FILHO, 2012).

Em muitos estados brasileiros, o início da radiodifusão sonora está mesmo ligado ao campo do experimentalismo das sociedades radiofônicas, constituídas por estudiosos e curiosos do radioamadorismo. Federico (1982) destaca essa primeira fase como da curiosidade, motivada pelas tecnologias e pela necessidade de promover melhor a comunicação. “Os pioneiros eram indivíduos carregados de idealismo cujos laivos permanecem ainda nos rádio-amadores atuais, sendo porém diferentes destes, na medida em que não possuíam, na maioria das vezes, estações transmissoras” (FEDERICO, 1982). No Amazonas, o rádio surgiu estatal, no período da decadência da borracha, depois de uma fase marcada pela riqueza extraída do seio da floresta. Manaus era uma cidade cosmopolita, considerada a Paris dos Trópicos, devido às riquezas que brotavam dos seringais e que superaqueciam a economia mundial, movimentando aproximadamente 40% da economia do país. A capital tinha infraestrutura comparada às das grandes metrópoles europeias, como iluminação pública, bondes eletrificados e até arquitetura pré-moldada na Europa, como o prédio da Alfândega (NOGUEIRA, 1999, p.33).

Nogueira (1999) relata que o mineiro Ephigênio Salles, então presidente da Província do Amazonas, assumiu o cargo em 1926, fase em que o governo e investidores locais assumiram alguns serviços públicos para que Manaus se reestruturasse diante do afugentamento dos recursos em meio à concorrência da Malásia, principal ameaça na exportação do látex. Salles era aficionado por tecnologia e enxergava nela a possibilidade de promover mudanças por meio de investimentos de alcances econômico e social. Como parte de sua estratégia para revigorar a economia do Estado, ele cria, em 1927, ‘Voz de

Manaós'. Começava a história da radiodifusão sonora no Amazonas, fase que Nogueira (1999) denominou de Germinação, em seus estudos sobre o rádio amazonense.

O objetivo central desta emissora, era transmitir aos municípios do interior dados e informações atualizadas das cotações e valorizações dos produtos naturais nas bolsas internacionais, a situação da moeda brasileira e o câmbio exterior, o horário de chegada e saída das embarcações e as realizações do governo estadual. As irradiações ocorriam às segundas, quartas e sextas-feiras, entre nove e dez da noite, sempre supervisionado pelo gerente de Manaus da Amazon Telegraph, G. E. Lush, e pelo eletricitista-chefe da empresa, W.H. Mathews (NOGUEIRA, 1999).

O empreendimento passou a contar com aparelhamentos que levavam as transmissões a 16 municípios, por meio de estações radiotelegráficas, que integravam a primeira rede radiofônica do Estado, com sede no Palácio Rio Negro, no Centro de Manaus. A programação era composta por apresentações de artistas locais sem periodicidade definida, o que afugentava o interesse do público da capital, pois este já tinha acesso a outras emissoras estrangeiras, por meio de aparelhos receptores importados. Além do mais, a qualidade das transmissões em Manaus ficava prejudicada por conta de interferências técnicas. O público do interior era o que apresentava maior interesse pela programação (NOGUEIRA, 1999).

Quando houve os relatos de reivindicações em relação ao problema, Ephigênio não estava mais à frente do governo. Depois disso, houve também a descontinuidade da administração, resultando no adiamento da Floração do rádio – assim intitulada por Nogueira (1999) como a segunda fase do rádio no Amazonas. Passados oito anos, em 1938, é criada a 'Voz da Baricéa', emissora que tinha o intuito de se aperfeiçoar, adotando aos poucos as características do rádio.

No mesmo período, o Estado Novo é implantado. Getúlio Vargas notou o potencial do rádio para disseminar propaganda ideológica. A fase de Floração começou com a compra da Voz da Baricéa por Assis Chateaubriand. Dono da Rede de Diários e Emissoras Associados, Chateaubriand mantinha relações estratégicas com o presidente. O empresário, que já tinha adquirido a Rádio Clube do Pará, incorpora a Baricéa às suas empresas, em 1943. A emissora passou a se chamar Rádio Baré, reforçando a tradição de Chateaubriand de nomear suas emissoras de rádio com nomes indígenas.

A Rádio Baré, dos Diários Associados, foi a primeira emissora regular do Amazonas, surgida no final dos anos trinta, sedimentando diversas tentativas anteriores, como a Voz da Baricéa. E foi a emissora, nos anos sessenta, que introduziu na sua programação certas músicas "diferentes" que nem mesmo as

elites, a princípio, gostavam muito. Músicas como “Samba em Prelúdio”, de Vinícius de Moraes, e um certo cantor, um tanto desafinado, que depois se tornou celebridade internacional: João Gilberto. Que bossa era essa? A Rádio Baré daquele período ficou marcada pela personalidade de seu diretor-artístico, Jaime Rebelo, avançado para os padrões musicais da época e falecido precocemente (LOBO, 1994, p. 16)

Nogueira (1999) também cita a Rádio Difusora do Amazonas, do ex-funcionário da Rádio Baré, Josué Claudio de Souza, inaugurada no dia 24 de novembro de 1948, com o apoio de Álvaro Maia que, na época, era senador da República. Segundo o autor, a Difusora passou a concorrer diretamente com a Rádio Baré, ao criar programas similares para cada atração existente na emissora rival. A disputa entre as duas emissoras consolidou a radiodifusão sonora do Amazonas.

No dia 15 de novembro de 1954, nasce a Rádio Rio Mar (NOGUEIRA, 1999). A emissora pertencia aos jornalistas Agnaldo e Aluísio Acher Pinto, proprietários do ‘Diário da Tarde’ e de ‘O Jornal’. A Rio Mar popularizou-se rapidamente em razão da proposta da nova programação, da potência e da qualidade das transmissões, apesar de seus noticiários repercutirem apenas o conteúdo dos jornais pertencentes ao grupo de comunicação.

De acordo com Nogueira (1999), a terceira fase do rádio amazonense – a da Frutificação – é marcada pelo surgimento da primeira rádio de Frequência Modulada (FM) do Brasil, a Rádio Tropical, inaugurada em 15 de março de 1966. Nota-se que inauguração ocorre após o Golpe Militar de 1964. Ao perceber que a Amazônia estava a mercê das ondas hertzianas vindas de países vizinhos que tinham ideologia comunista, o governo resolve adotar a estratégia do guarda-chuva eletrônico.

O ideal do governo federal de ‘Integrar para não Entregar’ acompanhou a trajetória amazônica ao longo do século XX. Para disseminar o sentimento de nacionalismo na região e integrar a Amazônia ao restante do Brasil, em 15 de dezembro de 1975, é criada a Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás) por meio da Lei N. 6.301. Por intermédio do rádio, os municípios poderiam quebrar as barreiras para comunicarem entre si.

O surgimento da Embratel e das Redes Radiofônicas via satélite promoveu a regionalização de grupos de empresas. Com essas implementações, também surgiu a segmentação no rádio amazonense. A tecnologia da época permitiu que as emissoras radiofônicas do Norte do país conquistassem espaço na história, cumprindo o papel de integrar a região no contexto nacional. Nota-se que trajetória do rádio no Norte está atrelada ao desenvolvimento econômico, social, tecnológico e político do Brasil, porque alastrou-se completamente na forma de uma floresta de antenas (NOGUEIRA, 1999).

Nos anos 1980, o rádio amazonense foi impulsionado pelo progresso resultante da Zona Franca de Manaus. Nessa década, surgem as rádios Amazonas e Acrítica – emissoras FMs. As rádios passaram a incorporar grandes redes comunicacionais e a movimentar a publicidade local, conquistando a atenção do público ao ofertar serviços e entretenimento. Já os anos 1990 são marcados pela profissionalização da mão-de-obra para atuação profissional no rádio. Nesta época, surgem cursos profissionalizantes e superiores em Rádio e TV, promovendo uma guinada na produção de conteúdo radiofônico e o surgimento de programas voltados ao rádio FM. No entanto, essa década também é marcada pela terceirização de espaços no rádio, o que comprometeu seriamente a programação de algumas emissoras, em razão da falta de conhecimento técnico de parte das pessoas que atuavam ao microfone.

As primeiras experiências do rádio amazonense na internet surgiram no início dos anos 2000. Webrádios alternativas marcaram o experimentalismo na web, entre elas, a Rádio Vertical (segmentada em rock), Rádio Fusão (rádio escola – 2001) e Rádio Mall (rádio do shopping Studio 5 Mall - 2001). Saindo à frente das demais, mesmo ainda AM, a primeira emissora hertziana do Amazonas a convergir para a internet foi a Rádio Rio Mar, em 2007.

2 O rádio no cenário de convergência

O Brasil se prepara para se nivelar aos padrões internacionais, porém vive um impasse que tem atrasado as definições do Sistema Brasileiro de Rádio Digital (SBRD). As principais discussões envolvem tecnologia, industrialização e legislação. Um dos passos para a implementação do novo sistema será a migração das emissoras AM para a Frequência Modulada. Depois disso, a radiodifusão brasileira terá força para consolidar a era digital radiofônica. Essas transformações impactam o cotidiano de muitos brasileiros, especialmente daqueles que habitam as regiões mais isoladas do país. É preciso considerar que a mudança de tecnologia vai influenciar nas perspectivas culturais, econômicas, entre outras, que tiverem relação com o novo sistema de radiodifusão sonora.

Nesse processo de adaptação, o rádio, sofrerá outras metamorfoses – como já ocorreu com o surgimento da TV e, depois, da internet. Novamente, o rádio não precisa sucumbir. É o que defende Fidler (1997), ao destacar que a evolução dos meios de comunicação acontece de forma natural, como espécies que vão passando por mutações fazendo com

que surjam novas espécies. Na avaliação do auto, uma mídia não precisa morrer para que surja uma nova. Assim, os antigos meios de comunicação inspiram a criação de novos meios, mais adaptados à realidade do momento em que se vive. Fidler (1997) denomina esse fenômeno de *Mediamorphosis*.

Mediamorphosis is not so much a theory as it is a unified way of thinking about the technological evolution of communication media. Instead of studying each form separately, it encourages us to examine all forms as members of an interdependent system, and to note the similarities and relationships that exist among past, present, and emerging forms. By studying the communication system as a whole, we will see that new media do not arise spontaneously and independently - they emerge gradually from the metamorphosis of old media. And that when newer forms of communication media emerge, the older forms usually do not die - they continue to evolve and adapt (FIDLER, 1997, p.23).

No enfoque ecossistêmico, a midiamorfose resulta em diversas transformações do rádio, enquanto sistema vivo, que se adapta às pressões do ambiente, se mantendo vivo, fazendo surgir uma nova mídia. O rádio é o meio que tem por essência a sonoridade. Surgiu como tecnologia de comunicação à distância, desenvolvida de acordo com os suportes de cada época. Enquanto meio de comunicação, eclodiu na era de massa, passou pela era das mídias e chegou à era digital. Para isso, o rádio sempre precisou se reinventar e encontrar, dentro dele mesmo, formas e características a serem exploradas para se manter vivo na “guerra das mídias”.

No processo de autopoiese, o rádio encontrou dentro, de sua própria organização, novas possibilidades de adaptação e se fortaleceu enquanto meio expressivo e tecnológico. Maturana (2001, p.176) explica a autopoiese como “a condição de possibilidade do sistema vivo, mas o modo de sua constituição e realização contínua é em si continuamente modulada pelo fluir do viver do sistema vivo no domínio no qual ele funciona como uma totalidade”.

O rádio brasileiro passou por um processo autopoietico quando veio a decadência, após o surgimento da TV e, atualmente, passa por outra metamorfose na era digital. O fato é que a forma de vida contemporânea passa por modificações nas quais não é possível se manter alheio às influências do mundo digitalizado. As formas de cultura se modificam tal qual se modificam as maneiras das pessoas se comunicarem. Isso faz com que se busque a reinvenção dos hábitos de consumo e das rotinas em meio ao turbilhão de

informações com as quais as pessoas se conectam todos os dias. Jenkins (2009) entende que a convergência vai além dos aparatos tecnológicos:

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói a sua mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2009, p.30).

É preciso considerar as mudanças culturais, e como o rádio tem se adaptado à sociedade, independentemente das plataformas disponíveis. A perenidade do rádio está relacionada a decisões políticas sobre a radiodifusão sonora, ao modelo tecnológico e, sobretudo, à cultura de ouvir rádio e de se relacionar com ele. O rádio está cada vez mais próximo das pessoas, seja pelo computador pessoal, smartphone ou pelos aparelhos receptores instalados nos veículos automotores.

3 Migração de Amplitude Modulada (AM) para Frequência Modulada (FM)

O primeiro marco, no que diz respeito à regulamentação da radiodifusão no Brasil, foi a criação de um estatuto específico com base no Decreto Nº 20.047 de maio de 1931. Este passou a regular a radiocomunicação no território nacional, além de determinar as condições para a outorga das concessões, indicar a criação de uma rede nacional e as condições técnicas a serem adotadas pelas emissoras.

Historicamente, as emissoras de rádio de Amplitude Modulada brasileiras contribuíram para desenvolvimento do rádio nacional. Elas consolidaram o rádio como um dos meios de comunicação mais populares do Brasil. No Amazonas, tiveram participação na integração da população, devido às peculiaridades geográficas, considerando que o Estado tem dimensões continentais distribuídas em um território de 1.559.146,876 Km², sendo composto por 62 municípios, em sua maioria isolados pelo Rio Amazonas e seus afluentes. O Censo 2010 aponta que a população do Estado era composta por 3.483.985 pessoas. A estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) é que esse número tenha saltado para 4.001.667, em 2016. Conforme levantamento do Ministério das Comunicações, 723 mil domicílios amazonenses possuem aparelho de rádio, considerando que o Estado tem 121 emissoras, sendo 42 FMs, 25 AMs de ondas médias, duas AMs de ondas curtas e dez AMs de ondas tropicais. Na conta das emissoras FMs estão incluídas as duas primeiras rádios migradas no Amazonas: Rio Mar e Difusora.

Nos anos de 1970, o surgimento das rádios de Frequência Modulada permitiu mais qualidade técnica para o rádio, e a programação se modernizou com programas dinâmicos voltados à informação, entretenimento e serviços. Outros elementos como segmentação e, posteriormente, a possibilidade de estabelecimento de padrões por meio das redes radiofônicas foram impulsionados por conta das novas possibilidades técnicas do momento.

Ferraretto (2007, p.65) explica que as ondas eletromagnéticas são definidas, em termos físicos, como: frequência⁴ e amplitude⁵. Para se compreender melhor o cenário de migração, é necessário compreender alguns aspectos das tecnologias radiofônicas e suas particularidades apresentadas pelo autor, em sua obra “Rádio: o veículo, a história e a técnica”:

- a) Amplitude Modulada (AM): Transmissão de sinais pela modulação da amplitude das ondas em frequências que variam de 525 a 1.720 kHz. Caracteriza-se por uma qualidade de som inferior à das emissoras em FM, porque os receptores AM sofrem interferência de fenômenos naturais, como raios, ou artificiais, como as provocadas por motores. As transmissões podem ser realizadas em ‘ondas médias’ ou ‘ondas curtas’.
- b) Frequência Modulada (FM): Transmissão de sinais pela modulação da frequência das ondas. Permite a emissão e a recepção de som em qualidade muito superior às em AM, por não sofrer interferências. As FMs operam em frequências que variam de 87, 5 a 108 MHz. Seu alcance, no entanto, é limitado a um raio máximo de 150 Km.

De acordo com o Ministério das Comunicações, além das Ondas Médias (de alcance local) e das Ondas Curtas (que podem ter alcance internacional), as emissoras de Amplitude Modulada também podem ser classificadas como de Ondas Tropicais (com alcance regional). Já as emissoras de Frequência Modulada têm um alcance menor, de caráter local (FERRARETTO, 2007).

DENOMINAÇÃO	PARÂMETROS FÍSICOS		UTILIZAÇÃO
	FREQUÊNCIA	AMPLITUDE	

⁴ Número de oscilações ou de vibrações verificado no movimento periódico de uma onda em determinado período de tempo. FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007. p. 65.

⁵ Distância entre os pontos máximo e mínimo atingidos pela onda em cada um de seus ciclos. FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007. p. 65.

Ondas Médias	100 - 1.000 kHz	100 – 1.000 m	Transmissões a média distância (emissoras locais e regionais)
Ondas Curtas	10 - 30 kHz	100 – 1.000 m	Transmissões a longa distância (emissoras internacionais)
VHF (Very High Frequency)	30 - 300 MHz	1- 100 m	FM e Televisão
UHF (Ultra High Frequency)	300 - 3.000 MHz	1 m	Televisão

Quadro 1: Quadro das tecnologias de modulação (FERRARETTO, 2007, p.66)

Um dos maiores problemas das rádios AM é que a tecnologia não permite que as estações tenham qualidade sonora. Esse tipo de emissora também não pode ser acessada em plataformas móveis, como smartphones, tablets e computadores. Com a migração do rádio para a internet e a implementação de sistemas de rádio digital na maior parte do mundo, o Brasil também precisou de políticas públicas que viessem tirar essas emissoras da zona de conforto. Em 07 de novembro de 2013, a presidente Dilma Roussef assinou o Decreto de Lei N. 8.139 que motivou a migração das emissoras AM (Ondas Médias) para FM.

Assino hoje, dia do Radialista, decreto possibilitando a migração das Rádios AM para a frequência FM. Isso vai significar mais qualidade de transmissão, com menos ruídos e interferências. Sou fã de rádio. Cresci ouvindo radionovelas e por muito tempo testemunhei como o rádio foi o eixo da integração da cultura e da identidade nacional. Por isso, estou certa que, com a mudança, as rádios poderão manter e até ampliar sua audiência levando notícia, serviços e entretenimento para toda a população. (ROUSSEF, Dilma, 2013 – Entrevista concedida à imprensa em 07/11/13, em Brasília).

Pode-se dizer que a medida também faz parte das premissas da implementação do Sistema Brasileiro de Rádio Digital (SBRD), ainda indefinido por falta de iniciativas por parte do próprio governo que se encontra em forte crise política e econômica. A mudança não é obrigatória, visto que somente as rádios de Ondas Médias serão desativadas e que os radiodifusores que não desejarem migrar para FM, podem se adequar às Ondas Curtas ou Tropicais, sem sair da Amplitude Modulada.

O fato é que, cedo ou tarde, o rádio digital será implementado no Brasil. Delbianco (2008, p.7) afirma que o rádio digital vai revolucionar as formas de produção de conteúdo e alterar a relação do ouvinte com o rádio. Para a autora não se trata apenas de uma estratégia de revitalização, mas de uma forma de fazer com que o rádio conquiste o seu lugar em meio às mídias emergentes, sendo complementar às demais mídias.

Por essa razão, é possível antever que a introdução do rádio digital no Brasil irá condicionar ou até mesmo aprofundar algumas mudanças em curso experimentadas pelas grandes emissoras desde a implementação da FM e a consolidação das redes via satélite, entre elas: a) a profissionalização da programação com forte tendência à segmentação; b) a modernização dos métodos de gerenciamento; e c) a diversificação do negócio rádio. Tudo indica que as emissoras terão que se estruturar melhor para oferecer não somente programação de qualidade à audiência compatível com a qualidade de som de CD, como também serviços adicionais de dados com informação qualificada (DEL BIANCO, 2008, p.7).

Segundo o Ministério das Comunicações, desde a assinatura do decreto de migração, das 1781 emissoras de Ondas Médias outorgadas no Brasil, 1386 solicitaram a migração. A Agência Nacional de Telecomunicações desenvolveu um Plano Básico de Distribuição de Canais a fim de acompanhar o processo de devolução das outorgas de AM em troca das outorgas de FM. O Plano é sistematizado conforme a análise individual de cada solicitante e a disponibilidade de espectro.

Um dos maiores desafios dos donos das emissoras AM é custear as adequações de migração. Os empresários devem pagar a taxa estipulada para a troca das outorgas, além de readequar a infraestrutura técnica das emissoras para a operação em FM. Essa infraestrutura conta com a modernização dos estúdios, aquisição de transmissores, antenas e torres de transmissão, sendo que a maioria das emissoras opera em classe C – com até 1 KW.

De acordo com a tabela estabelecida pela Portaria de Nº 6.467/2015, do Ministério das Comunicações, as rádios amazonenses sediadas em Manaus que solicitaram a migração, podem ter que custear a troca das outorgas com valores que variam de R\$ 174.760,76 - para quem operar com 0,5 kw – até R\$ 744.400,81 – para quem operar acima de 100 kw. A tabela é baseada no cálculo de itens como o Produto Interno Bruto (PIB), os Indicadores de Desenvolvimento/Renda IDH – R, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPC), portes técnicos das emissoras – classe de operação e potência, disponibilidade de canais em FM (faixa ou dial convencional ou estendido). Cada localidade tem seu cálculo individual, levando em consideração o número de habitantes e os medidores da economia local.

O Plano Básico de Distribuição de Canais dividiu o fluxo em dois lotes: o primeiro começou 90 dias após a assinatura do decreto e contou com 954 rádios solicitantes, referente ao espectro convencional (88 a 107 MHz), e o segundo conta com 438 emissoras solicitantes. Desse total, 300 estações concorrem aos canais do espectro estendido (76 a

87 MHz), estando na dependência da TV analógica ser desativada para liberar o espectro. A previsão é que essa liberação ocorra em 2018.

Diante do exposto, é preciso considerar que essa mudança tecnológica trará impactos na cultura de fazer e consumir rádio. Portanto, as emissoras migradas podem operar em *simulcasting*⁶ no período de 180 dias a 5 anos, a contar a data da assinatura do Termo Aditivo de Adaptação da Outorga de AM para FM, com o objetivo de preparar a sua audiência para uma nova realidade e adaptar a sua programação.

4 Rádio Rio Mar: a primeira rádio migrada do Amazonas

A Rádio Rio Mar surgiu com a proposta de inovar no mercado radiofônico local por meio da implementação do radiojornalismo. No início, a Emissora operava uma estação de Onda Média, na frequência de 990 KHz, com potência de 1,0 KW, sendo a primeira estação do tipo a ser instalada no Amazonas. A frequência original foi modificada duas vezes em sua trajetória AM: 1.440 KHz e 1.290 KHz.

A proposta inicial da rádio era ser uma emissora comercial para atrair a audiência, que na época, era dividida entre as rádios Baré e Difusora. A partir de 1962, passou a pertencer à Prelazia do Amazonas, quando o Arcebispo Metropolitano de Manaus, Dom João de Souza Lima, adquiriu a emissora em nome da Arquidiocese de Manaus. Na época, a emissora fez um reposicionamento, modificando a programação que passou a ter o objetivo de ser uma extensão radiofônica da Igreja Católica no Amazonas.

Mesmo segmentada em conteúdo religioso, a emissora procurou realizar uma programação voltada ao serviço e à informação. Duas vertentes tornaram-se prioridade para a rádio: a cobertura esportiva e a cobertura jornalística. Entre as transmissões que marcaram a história da emissora estão a Copa Mundial de 1970 e as visitas dos Papas João Paulo II e Bento VI ao Brasil, respectivamente, nos anos de 1980 e 2007.

No aspecto tecnológico, a Rio Mar também procurou se manter atualizada. Ela foi a primeira emissora *hertziana* amazonense a convergir para a internet, em 15 de novembro de 2007, apesar de não ter adaptado conteúdos exclusivos para a web. A ideia era usar a internet para ofertar som com mais qualidade, em decorrência das limitações da AM, além de ampliar o alcance por meio do ciberespaço.

⁶ *Simulcasting* é a transmissão simultânea de AM e FM. ABERT. Migração AM/FM. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/24962-migracao-am-fm-prazo-para-lote-residual-comeca-em-junho>>, acesso em junho de 2017.

A emissora também foi a primeira rádio AM do Estado a fazer a solicitação da migração para FM. A solicitação da outorga de FM foi realizada em 2014, no primeiro lote das migrantes de todo o Brasil. O Termo Aditivo de Adaptação da Outorga de AM para FM foi assinado em 07 de novembro de 2016. A partir de então, a rádio começou a desenvolver uma campanha envolvendo os fiéis católicos na arrecadação de recursos financeiros para custear o valor da outorga de migração e a nova infraestrutura.

Nesse interim, a rádio, que já integrava um conglomerado da Arquidiocese de Manaus – também composto por uma Fundação homônima da rádio – passou a integrar a Rede Rio Mar, composta, ainda, pela Rádio Castanho FM, emissora sediada na Região Metropolitana de Manaus (RMM), e que também pertence à Igreja Católica. A criação da rede teve o intuito de unir as emissoras radiofônicas cristãs católicas do Amazonas.

Diante da criação da rede e da migração para FM, a rádio Rio Mar percebeu a necessidade de rever elementos extremamente importantes para além da infraestrutura, como a grade de programação e as estratégias comerciais. Assim, a emissora redistribuiu a programação de acordo com horários atrativos aos anunciantes e adotou linguagem mais ágil em programas dinâmicos informativos e religiosos, com o intuito de ampliar a audiência.

Um dos maiores desafios foi readequar a programação, já que muitos dos programas eram realizados por pastorais da igreja e por parceiros de muitos anos da rádio. Então, o departamento comercial da rádio realizou uma pesquisa para avaliar o que o público desejava da programação FM. Diante dos resultados, que apontaram a preferência por programas jovens e informativos, a emissora reestruturou a programação investindo pesado em programas de serviço informativo. Também foi necessário investir na contratação de profissionais para a atuação nesta nova fase que visa profissionalizar a programação.

A emissora passou a operar, oficialmente, em caráter FM no dia 04 de julho de 2017, durante as comemorações de Pentecostes, em uma transmissão ao vivo direto do Sambódromo de Manaus. Nesse dia, a Rádio Rio Mar se tornou, oficialmente, a primeira rádio migrada do Amazonas, adotando a frequência 103.5 MHz.

CONSIDERAÇÕES

Desde que foi fundada, a Rádio Rio Mar buscou se adequar aos adventos tecnológicos. Foi a primeira rádio de amplitude modulada a operar em ondas médias no Amazonas; foi precursora no radiojornalismo; foi a primeira emissora hertziana a migrar para a internet

e, recentemente, tornou-se a primeira rádio migrada do Amazonas. É possível perceber, por meio de seu desenvolvimento, como o rádio no Amazonas perpassa pelos contextos tecnológicos aos quais o rádio brasileiro foi desafiado para se manter vivo em meio às demais mídias.

Essa recente fase do rádio brasileiro e, por conseguinte do rádio no Amazonas, revela como convergência tecnológica força as emissoras de rádio a desenvolverem estratégias mercadológicas para continuar mantendo a sua audiência. Fenômenos como a migração de AM para FM ultrapassam o campo tecnológico e são altamente complexos, influenciando em diversos aspectos, como economia, cultura e cotidiano. Afinal, “a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (MORIN, 2011, p. 13). A migração altera o cotidiano, de forma a criar novas relações entre produtores e consumidores de conteúdo, a ponto de fundir ainda mais os papéis de ambos. A migração deverá abrir prerrogativa para o surgimento de novas comunidades radiofônicas, que terão como centro os sujeitos sociais – pessoas ou grupo de pessoas – que se apropriarão do meio para produzir conteúdos pertinentes ao seu cotidiano.

O novo sistema digital vai reconfigurar todo o ecossistema brasileiro, provocando mudanças na tecnologia, legislação e industrialização. No Amazonas, que integra o complexo amazônico, os impactos mais significativos podem estar relacionados à tecnologia e à industrialização: à tecnologia, porque o Estado ainda tem comunidades desprovidas de aparatos tecnológicos e distantes da inclusão digital; à industrialização, porque a Zona Franca de Manaus, então detentora da produção de aparelhos eletroeletrônicos, está sob constante ameaça de empresas instaladas no Sul e Sudeste. Neste caso, industrialização e legislação são transversais, já que a segunda poderá definir os rumos da primeira.

Embora as questões que envolvam a migração do rádio AM para FM sejam complexas, refletir sobre o tema pode criar bases para a descoberta de soluções aos impactos previstos. Pois, “se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo” (MORIN, 2011, p.8).

Cabe a esta pesquisa desvelar as questões postas, numa tentativa de dar voz aos que, mesmo sem ter ciência, serão impactados pela migração do rádio AM para FM no

Amazonas – um estado sob o qual não deveriam recair decisões niveladoras que excluam suas idiossincrasias.

Referências

- ANATEL. **A extensão de faixa FM (eFM) e a migração da faixa OM.** Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=244137>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- BRASIL. **Decreto presencial N.8139. Ministério das Comunicações.** Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=08/11/2013>> Acesso em junho/2014.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações.** 6ªed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.
- DEL BIANCO, Nélia. **E tudo vai mudar quando o digital chegar.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-radio-digital.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- _____. **Atuação do Conselho Consultivo do Rádio Digital: em busca de um formato de digitalização adequado à realidade brasileira.** CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36, 2013, Manaus, AM. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0062-1.pdf>>, acesso em mar/2014.
- CHARANDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2009.
- FEDERICO, M. E. Bonavita. **A História da comunicação: rádio e televisão.** Petrópolis: Vozes, 1982.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007.
- _____. **O rádio diante das novas tecnologias de comunicação: uma nova forma de gestão.** In: FERRARETO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (orgs). **E o rádio?: novos horizontes midiáticos.** Porto Alegre: Edipucrs, 2010. p. 577 – 592.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2006.
- LOBO, Narciso Júlio. **A tônica da descontinuidade. Cinema e política em Manaus na década de 60.** Manaus: UA, 1994.
- MAFRA, Edilene; MONTEIRO, Gilson. **Radiodifusão no Amazonas: perspectivas para a implantação do Rádio Digital** In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional), 2014, Paraná. Anais... Paraná, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-0361-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun.2017.
- _____. **O rádio no país das Amazonas em tempos de internet** In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional), 2011, Pernambuco. Anais... Pernambuco, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2572-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun.2017.
- MARANHÃO FILHO, Luiz. **Raízes do rádio.** Olinda (PE): Ed. do Organizador, 2012.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos: autopoiese e organização do vivo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** Tradução de Humberto Marioti e Lia Diskin. São Paulo: Palas, 2001.
- MEDITSCH, Eduardo. **O ensino do radiojornalismo em tempos de internet.** In: XXIV Congresso da INTERCOM – Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Campo Grande, MS: 2001.
- MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Migração das rádios FM para a faixa FM.** Ministério das Comunicações. Disponível em: <<http://www.comunicacoes.gov.br/acoes-e-programas/radiodifusao/migracaodas-rádios-am>>. Acesso em junho/2014.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- NOGUEIRA, Luiz Eugênio. **O rádio no país das Amazonas.** Manaus: Valer, 1999.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5ªed. Porto Alegre: Bookman, 2015.